

**O PROCESSO DE INTERVENÇÃO GRUPAL COM CRIANÇAS E SEUS CUIDADORES:
UM ESPAÇO DE ESCUTA E DE EXPRESSÃO DO POTENCIAL CRIATIVO PARA ALÉM
DO AMBIENTE ESCOLAR**

Ilmara Ribeiro Pimentel¹

Keila Andrade Haiashida²

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar de História e Letras (PPGIHL) da Universidade Estadual do Ceará (FECLESC/UECE) e Pós-Graduanda em Terapia Cognitivo-Comportamental pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). E-mail: ilmara.ribeiro@aluno.uece.br

²Pós-Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Doutora em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Mestra em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Graduada em Pedagogia também pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora adjunta da UECE. Professora permanente do Mestrado Interdisciplinar em História e Letras (MIHL) da UECE. E-mail: keila.haiashida@uece.br

Resumo

O presente artigo analisa o processo de intervenção grupal com crianças e seus cuidadores, compreendendo o grupo como um espaço de escuta e de expressão do potencial criativo para além do contexto escolar. A pesquisa foi realizada no Núcleo de Atendimento Médico Integrado (NAMI) da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), junto a crianças com queixas de aprendizagem e/ou comportamento. Trata-se de um estudo qualitativo, fundamentado na pesquisa-ação, com uso de observação participante, método etnográfico e entrevista semiestruturada. O referencial teórico apoia-se em Vygotsky, ao destacar o brincar no desenvolvimento infantil; em Alencar e Sanches, na compreensão da criatividade e da ludicidade; e, no campo grupal, um olhar interdisciplinar entre Pichon-Rivière, Carl Rogers, Will Schutz e Paulo Freire, que subsidiam a compreensão dos vínculos, da tarefa grupal e do diálogo como prática emancipadora. Os resultados evidenciam que o grupo favoreceu a criatividade, a expressão emocional, a socialização e a autoestima das crianças, além de promover reflexões nos cuidadores sobre suas práticas e relações. Apesar de desafios como a irregularidade na participação, o grupo mostrou-se um dispositivo potente de cuidado, acolhimento e transformação.

Palavras-chave: *Intervenção grupal. Criatividade. Psicologia. Desenvolvimento infantil.*

1. Introdução

O presente artigo é parte da disciplina de Práticas Integrativas VII do curso de graduação em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Esta disciplina teve como objetivos o conhecimento das teorias que embasam a constituição das organizações sociais, de trabalho e de educação; a inserção no universo das estratégias de intervenção em processos grupais; e o uso de técnicas de estudo de caso, grupo focal e observação participante

em estratégias de descrição, análise, diagnóstico e intervenção em processos sociais, além de educacionais e organizacionais¹.

Para atender aos objetivos citados, o trabalho de campo foi desenvolvido em um grupo que trabalha a criatividade, o qual recebia, na época, quatro crianças e três cuidadores, ocorrendo por meio do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), localizado no Núcleo de Atendimento Médico Integrado (NAMI) da UNIFOR. Vale ressaltar que o grupo no qual a equipe se inseriu é caracterizado e perpassa por diferentes conceitos de grupo: grupo operativo, círculo cultural, além de grupo de encontro. Entre as razões que justificam a opção pelo tema está o interesse pela proposta do grupo, especialmente por envolver crianças e seus cuidadores, além da possibilidade de compreender como se dá o funcionamento de um grupo com uma proposta educativa fora do ambiente escolar.

O Grupo de Criatividade surgiu em 2005.¹ devido a um cenário de grande demanda de atendimentos para o serviço de psicologia do NAMI. Segundo as fundadoras do grupo, grande parte das escolas tem como foco o repasse mecanicista de conteúdo, o que pode levar os alunos a uma atuação mais passiva nesse ambiente, sendo frequentemente concebidos como recipientes a serem preenchidos pelo conhecimento. Em contraposição a esse modelo, o grupo surge com a proposta de acolher e conhecer as diferentes expressões e manifestações do potencial criativo de crianças com queixas de aprendizagem ou de comportamento.

Diante desse contexto, emerge a seguinte questão norteadora: como intervenções grupais contribuem para o desenvolvimento criativo e emocional de crianças com queixas de aprendizagem e/ou comportamento, para além do ambiente escolar? Essa problematização orienta o olhar investigativo do presente estudo, ao considerar o grupo como um espaço potente de escuta, expressão e construção de vínculos.

Assim, o objetivo geral deste estudo consiste em analisar o processo de intervenção grupal com crianças e seus cuidadores, compreendendo o grupo como um espaço de escuta e de expressão do potencial criativo para além do contexto escolar. Como objetivos específicos, buscou-se: (1) compreender o funcionamento do grupo e suas dinâmicas; (2) identificar de que forma as atividades propostas favorecem a expressão criativa e emocional das crianças; (3) analisar as contribuições do grupo para o desenvolvimento da socialização e da autoestima;

¹ Texto retirado da ementa da disciplina na plataforma digital – UNIFOR online.

<<https://uol.unifor.br/uol/PaginaDisciplina.do?method=preparar&cdCurso=52&cdDisciplina=H047&cdTurma=42&origem=paginaCurso>> Acesso em 15 de maio, 2018.

e, por fim, (4) refletir sobre os impactos da participação dos cuidadores nas relações estabelecidas no contexto grupal.

Serviram de base teórica para orientar o trabalho de campo e a interpretação dos dados colhidos as obras dos autores Sanches (2002) e Vygotsky (1991), que tratam do brincar associado à realidade e ao desenvolvimento no mundo infantil, bem como as produções de Pichon-Rivière (1998), Carl Rogers (2009) e Will Schutz (1989), os quais abordam questões relativas ao funcionamento dos grupos e aos processos grupais. O autor Paulo Freire (1967/1991) também foi fundamental para a reflexão acerca da desconstrução dos modelos e práticas educacionais vigentes, além de apresentar o conceito de círculo de cultura. Sobre a temática da criatividade, foram utilizados referenciais de Eunice Soriano de Alencar (1986).

Para a realização do trabalho de campo, foram ainda utilizados referenciais da pesquisa etnográfica, tendo sido priorizada a observação participante como técnica de pesquisa, como será exposto e melhor detalhado na etapa seguinte.

2. Desenvolvimento

2.1 Procedimentos metodológicos

A metodologia utilizada para o desenvolvimento da primeira parte do trabalho foi de natureza qualitativa, fundamentada na técnica da pesquisa-ação, articulada à observação participante e ao método etnográfico, ambos auxiliados por levantamento bibliográfico, entrevista com a coordenadora do grupo e supervisões semanais com a professora orientadora.

No que se refere à pesquisa-ação, esta se estruturou em diferentes etapas ao longo do processo. Inicialmente, foi realizada uma fase diagnóstica, caracterizada pelo levantamento de informações sobre o campo de atuação. Essa etapa ocorreu por meio de pesquisas prévias, da elaboração de uma ficha de abertura de campo e da realização de uma entrevista semiestruturada com a coordenadora do grupo. A ficha continha a identificação do local, histórico, objetivos, equipe e atividades desenvolvidas tanto pela instituição quanto pelo grupo, constituindo-se como um instrumento norteador para a compreensão inicial do contexto e planejamento das intervenções.

Posteriormente, desenvolveu-se a fase interventiva, na qual as ações junto ao grupo de criatividade foram planejadas e executadas com base nas demandas observadas nas crianças e em seus cuidadores. Essas intervenções eram discutidas previamente com as estagiárias e

com a coordenadora/supervisora responsável pelo grupo, sendo também avaliadas semanalmente pela professora orientadora da disciplina. Por fim, a fase reflexiva ocorreu por meio da elaboração de relatórios após cada encontro, possibilitando a análise das práticas realizadas e o redirecionamento das ações conforme as necessidades emergentes do grupo.

Segundo Barros (2006), a etnografia faz parte do trabalho de campo do pesquisador, sendo entendida como um método de pesquisa qualitativa e empírica que exige um mergulho no contexto investigado, não devendo ser realizada sem preparo. No presente estudo, o método etnográfico foi operacionalizado por meio da inserção contínua no campo, permitindo a compreensão do funcionamento do grupo, de suas dinâmicas e das relações estabelecidas entre os participantes. Nesse sentido, buscou-se apreender os significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências no contexto grupal.

Corroborando essa perspectiva, Gaskell (2005) aponta que a pesquisa qualitativa tem como objetivo a compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos, o que orientou o olhar analítico deste estudo. No que diz respeito à entrevista semiestruturada, esta foi utilizada como instrumento na fase diagnóstica da pesquisa, sendo realizada com a coordenadora do grupo com o objetivo de compreender a proposta, funcionamento e histórico do grupo de criatividade. De acordo com Boni e Quaresma (2005), essa técnica utiliza perguntas abertas e fechadas previamente definidas, mas permite maior flexibilidade na condução, possibilitando ao entrevistador aprofundar questões emergentes durante o processo.

Sobre a observação participante, Richardson (1999) afirma que o pesquisador não se limita a ser um espectador, mas se insere no contexto investigado, posicionando-se ao nível dos demais participantes. No presente estudo, essa técnica foi aplicada por meio da participação ativa nas atividades do grupo, permitindo a compreensão dos hábitos, atitudes, interesses e interações entre crianças e cuidadores. Essa inserção favoreceu uma aproximação mais profunda com o campo, ampliando as possibilidades de análise das dinâmicas grupais.

Por fim, destaca-se que todas as intervenções realizadas no grupo de criatividade foram planejadas a partir das demandas emergentes dos participantes, considerando tanto as crianças



quanto seus cuidadores. Ao final de cada encontro, eram elaborados relatórios pelas estagiárias, os quais subsidiavam as supervisões e contribuíam para o acompanhamento contínuo do processo interventivo. Ao todo, foram 15 encontros, uma vez por semana.

2.3 Resultados e discussões

A instituição à qual o grupo acontece é reconhecida como o NAMI, fundado no ano de 1978, localizado em um bairro universitário da cidade de Fortaleza. Essa Instituição tem como objetivo promover qualidade de vida à população cearense. Com a missão de desenvolver ações de saúde no nível secundário de atenção, o NAMI atua principalmente na promoção, prevenção, diagnóstico, tratamento e reabilitação de maneira interdisciplinar.²

A equipe que compõe o NAMI pode ser descrita a partir dos profissionais e estudantes que em uma moderna e multidisciplinar estrutura, possuem como foco a humanização e a evolução do atendimento, sempre em consonância com as pesquisas acadêmicas desenvolvidas na Universidade. Entre o trabalho dessa equipe multiprofissional, encontra-se o Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), o qual oferece atendimentos em psicoterapia individual (crianças, adolescentes, adultos), psicoterapia de grupo, de casal, psicodiagnóstico, grupo de psicomotricidade infantil, plantão psicológico.³

Dentro dos diversos serviços oferecidos pela instituição, em específico pela psicologia, existe o Grupo que trabalha a criatividade, o qual também faz parte do SPA. Ele funciona a partir do trabalho de estagiários do curso a partir do 8º semestre. O Grupo surgiu no ano de 2005, em um contexto de necessidade, como uma proposta de um espaço de escuta de crianças com queixas relacionadas à aprendizagem e/ou ao desenvolvimento, além do trabalho com os seus cuidadores.

Funcionando há mais de uma década, o Grupo acontece às segundas-feiras, no período da tarde, e traz como principais objetivos o desenvolvimento do potencial criativo de crianças entre 9 e 11 anos, através de atividades lúdicas variadas promovidas em um contexto grupal, propiciando um ambiente acolhedor e regulador, capaz também de contribuir na solução de conflitos interpessoais e no desenvolvimento da autoestima, trazendo repercussões para o

2 e 3-Texto retirado do site
http://unifornoticias.unifor.br/index.php?option=com_content&view=article&id=641&Itemid=31.
Acesso em 15 de maio 2018.

convívio da criança com a família, a escola, a sua comunidade e facilitando os processos de aprendizagem.

Para além desses objetivos, existe também a preocupação com o cuidador a partir da promoção e a expansão dos seus potenciais, através de atividades variadas e integradas ao trabalho com as crianças. Promover articulações com a escola e outros serviços de atendimento infantil e familiar, no sentido de consolidar uma rede de atenção e cuidados, desenvolvendo uma sintonia no trabalho dos diversos profissionais envolvidos também é uma das metas que o grupo se propõe a cumprir.

Devemos destacar que, ao conversamos com a coordenadora do grupo, ela nos diz que o mesmo não se enquadra especificamente como um único tipo grupo, sendo assim caracterizado como grupo operativo, através do referencial de Pichon-Rivière (1998), podendo ser entendido alguns dos seus aspectos por meio do círculo de cultura de Paulo Freire (1967/1991) e, também, tendo um olhar de Rogers (2009).

Segundo Soares e Ferraz (2007), foi Pichon-Rivière (1998) responsável por conceituar e elaborar a teoria do grupo operativo. Ele define essa categoria de grupo como “um conjunto de pessoas, ligadas no tempo e espaço, articuladas por sua mútua representação interna, que se propunham, explícita ou implicitamente, a uma tarefa, interagindo em uma rede de papéis com o estabelecimento de vínculos entre si.” (p. 53) Pode-se ainda afirmar que boa parte das propostas elaboradas e exercidas pelo Grupo de Criatividade convergem com as características que dão sentido a um grupo operativo:

O grupo operativo constitui uma modalidade de processo grupal que, em princípio, deve ser: dinâmico - permitindo-se o fluir da interação e da comunicação para fomentar o pensamento e a criatividade; reflexivo – uma parte da tarefa é a reflexão sobre o próprio processo grupal, particularmente quando se trata de compreender os fatores que obstruem a tarefa; e democrático quanto à tarefa – o grupo origina suas próprias ações e pensamentos, em um princípio de autonomia. (PORTARRIEU; TUBERT-OAKLANDER, 1989 apud SOARES; FERRAZ, 2007, p. 53)

Além disso, pensando acerca do círculo de cultura, concebido por Paulo Freire (apud Weffort, 1967) em um contexto onde o autor trabalha com uma perspectiva da pedagogia libertadora, é condição necessária do aprendizado que os educandos participem das atividades de forma livre e com criticidade. Nesse sentido, o círculo de cultura substitui a escola e aparece como uma alternativa para as camadas populares, a fim de gerar um diálogo e uma consequente problematização. O coordenador do círculo de cultura não se enquadraria como um professor, mas sim como um coordenador do diálogo (Weffort, 1967).

Compreendemos que o grupo do qual participamos possui a proposta de explorar a criatividade dos membros, propondo que eles vivenciem um espaço onde são livres para trazerem suas questões, colocarem em cena seus problemas e se expressarem do modo que preferirem. Através das dificuldades trazidas pelos cuidadores fazemos um movimento de problematizar aquilo que eles trazem, propomos que eles repensem quais são seus papéis, se questionem se estão agindo da forma como gostariam de agir, se responsabilizem por suas escolhas e repensem aquilo que eles haviam construído até então.

Os Círculos de Cultura estão fundamentados em uma proposta pedagógica, cujo caráter radicalmente democrático e libertador propõe uma aprendizagem integral, que rompe com a fragmentação e requer uma tomada de posição perante os problemas vivenciados em determinado contexto [...] essa concepção promove a horizontalidade na relação educador-educando e a valorização das culturas locais, da oralidade, contrapondo-se em seu caráter humanístico, à visão elitista de educação. (DANTAS & LINHARES, 2014, P. 73)

Ao que se refere o pensamento de Carl Rogers (2009) acerca do grupo de encontro, o autor buscou em sua obra definir como se dava o processo do grupo e sistematizou através da sua observação e experiência um conjunto de quinze momentos pelos quais um grupo atravessa, sendo que esses momentos não estão postos de modo sequencial, mas que dialogam entre si. De início, o autor traz que os membros do grupo ficam em silêncio, mostram que não confiam nos outros participantes, resistem em expressar questões pessoais e se irritam com os membros, criticando-os. Com o passar do tempo e a construção da confiança, observa-se mudanças, os membros passam a falar mais sobre si, trazem suas questões pessoais que causam sofrimento e começam a fazer um movimento de aceitação da dor dos outros participantes.

Da observação, parece concluir-se que se verificam, no próprio grupo, muitas alterações no comportamento. Mudam os gestos. Transforma-se o tom das vozes para mais forte, outras para mais suave, normalmente mais espontâneo, menos artificial, com mais sentimento. Os indivíduos mostram uma espantosa capacidade de solicitude e ajuda uns para com os outros. (ROGERS, 2009, p. 42)

Além disso, ao trazermos Carl Rogers (2009), faz-se necessário discorrer acerca da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), construída pelo autor e que tem como premissa básica que todos nós possuímos uma tendência natural, inerente a todos os organismos, de nos atualizarmos de modo positivo. Também deixa claro que precisamos das três condições



facilitadoras para que haja essa atualização. São elas a congruência, a compreensão empática e a consideração positiva incondicional. Desse modo, pensava-se que através da ideia de um espaço grupal de aceitação, onde não haja julgamentos de valores; de empatia, onde o outro possa se sentir compreendido e de congruência, que o grupo pode se aproximar. Sobre isso, Schutz (1989) acrescenta:

Independente da eficiência do grupo, para que o mesmo possa sobreviver devem ser criados vínculos pessoais entre seus membros. Se não for dada nenhuma atenção aos sentimentos que as pessoas têm umas pelas outras, crescem as rivalidades, os desejos pessoais não são satisfeitos, as pessoas sabotam ou abandonam o grupo e a vida grupal está encerrada. Os vínculos afetivos da família, questões sociais, compartilhamento, ou benefícios pessoais, devem ser levados em consideração pelo grupo, para que este possa sobreviver. (SCHUTZ, 1989, p. 104)

As atividades propostas com as crianças dentro desse espaço ocorriam principalmente por meio do uso de jogos e brincadeiras, os quais possibilitavam o crescimento de potencialidades criativas do indivíduo. Por meio do acesso aos jogos e brincadeiras, a criança é capaz de perceber, explorar e descobrir a si mesma e ao mundo que ela constrói e elabora. Ademais, é exercendo a função do brincar que, de acordo com Sanches (2002, p. 38), “a criança é capaz de fazer, pensar, sentir determinadas coisas; realiza seu potencial, descobre a si mesma e ao mundo (simultaneamente)”.

É importante destacar que é através do brincar que a criança poderá exercer e experienciar o crescimento do seu potencial criativo. Isso pode partir tanto do próprio indivíduo, como também da sua relação com o outro. Segundo Alencar (1986, p. 15), o desenvolvimento e “manifestação da criatividade não dependem somente dos esforços do próprio indivíduo. Tanto fatores intrapessoais quanto interpessoais, tanto fatores do próprio indivíduo quanto de natureza social poderão favorecer ou dificultar a emergência do processo criativo”. Vygotsky (1991 apud Cordazzo; Vieira, 2007, p. 92) também traz grandes contribuições ao processo de desenvolvimento da criança ao pensar o uso de brincadeiras quando afirma que “o brincar é essencial para o desenvolvimento cognitivo da criança, posto que os processos de simbolização e de representação a levam ao pensamento abstrato”.

As atividades dentro dessa perspectiva do brincar estão voltadas para dinâmicas que estimulam a psicomotricidade, a socialização e integração entre os membros, buscando abordar questões do desenvolvimento e da aprendizagem, com movimentações que respeitem a faixa etária deles.

Pela brincadeira a criança, sem a intencionalidade, estimula uma série de aspectos que contribuem tanto para o desenvolvimento individual do ser quanto para o social. Primeiramente a brincadeira desenvolve os aspectos físicos e sensoriais. Os jogos sensoriais, de exercício e as atividades físicas que são promovidas pelas brincadeiras auxiliam a criança a desenvolver os aspectos referentes à percepção, habilidades motoras, força e resistência e até as questões referentes à termorregulação e controle de peso (SMITH, 1982 apud CORDAZZO; VIEIRA, 2007, p. 94).

Já com os cuidadores, aqueles que acompanham e são os responsáveis pelas crianças que participavam do grupo, eram trabalhadas fundamentalmente questões que dizem respeito ao cotidiano e principalmente à temática sobre relacionamento - associada à casamento, por exemplo - pelo fato de ser uma das principais demandas trazidas por elas. Assim como apresentado brevemente na metodologia, vale agora pontuar de forma mais detalhada como aconteciam os planejamentos das atividades.

Semanalmente, as atividades eram discutidas e elaboradas pelas estagiárias, junto à orientação da supervisora de Práticas Integrativas VII. As dinâmicas escolhidas tomavam forma a partir das questões levantadas pelos próprios membros ou também acontecia de surgirem a partir de temáticas comemorativas durante o ano. Isso acontecia, como dito, em cada um dos dois espaços disponibilizados pelo NAMI, onde cuidadores ficavam em um local e as crianças em outro.

O contato inicial com o grupo se deu no começo de suas atividades, ao iniciar o semestre. A primeira atividade proposta pelo grupo foi uma atividade integrativa (com ambos), que ocorreu no campus da UNIFOR. Logo foi possível perceber como se davam as relações entre cuidadores e filhos. Através da dinâmica proposta de circuito de brincadeiras, os pais deveriam auxiliar seus filhos a realizarem três atividades: jogar a bola, correr entre os objetos e pular corda. Era notório como algumas cuidadoras incentivam suas crianças e outras não, como também era visível as repercussões dessas ações no comportamento das crianças.

Para o grupo das crianças, uma das primeiras atividades foi pensada para a discussão de questões relacionadas ao gênero e à sexualidade. Para isso, foi trazido um vídeo educativo sobre a temática, o qual gerou uma discussão com os membros. Em seguida, foram apresentadas para as crianças diferentes objetos e brinquedos, a fim de que durante a discussão pudesse de certa forma ser desconstruído aquilo que poderia ser somente de menino ou de menina.

Uma outra atividade também interessante foi a da “Caça ao Tesouro”. Essa atividade foi pensada para buscar trazer diálogos sobre como é o relacionamento das crianças com seus pais e a percepção de seus comportamentos diante de diferentes situações. Acontecia da seguinte forma: cada criança jogava o dado por vez. Para o barco avançar as casas e tentar chegar ao tesouro, eles teriam de responder algumas perguntas. Foram pensadas perguntas relacionadas à família e a alguns comportamentos deles em diversas situações, como, por exemplo: “Quando faço algo errado e acabo magoando meus pais, o que deve ser feito para que tudo fique bem?” ou “Se vejo uma pessoa na rua precisando de ajuda para atravessar, como eu você poderia reagir?”. Respondendo às perguntas, o barco andaria. Caso eles não soubessem o que responder na sua vez, poderiam consultar o colega.

No mês de maio, por exemplo, entre as movimentações que ocorreram dentro do grupo, houve também uma atividade envolvendo a dança. Com a chegada de novos membros ao grupo nesse mesmo período, essa intervenção mostrou-se muito interessante e bem recebida pelo fato de trabalhar características como adaptabilidade, autoconfiança, automotivação, criatividade, flexibilidade, resistência e frustração.

Nesse mesmo dia, após o aquecimento com a dança, as crianças sentaram-se em círculo e cada uma delas recebeu uma folha em branco. Nessa folha, foi orientado e pedido para que eles escrevessem o seu nome e iniciassem um desenho sobre si mesmo. Em seguida, a folha deveria circular para cada um dos outros membros ali presentes. Assim, para cada criança era pedido para que acrescentasse em formato de frases ou continuação do desenho, características que representassem aquela pessoa da folha. Ao final, cada um recebeu a sua de volta. Essa atividade foi bastante rica pelo fato de que exigiu criatividade, sociabilidade, relacionamento intra e interpessoal, dinamismo e agilidade. Ambas as atividades desse dia foram bem recebidas e puderam movimentar positivamente o grupo.

Podemos citar, agora, alguns exemplos das atividades propostas ao grupo dos cuidadores. Foi pensado, inicialmente, uma atividade, para o primeiro dia de encontro em sala, que fosse capaz de proporcionar um acolhimento aos novos membros, integrando-os ao grupo e favorecendo a socialização dos mesmos. A atividade intitulada “Quem sou eu?” pode ser descrita como uma intervenção onde os membros do grupo precisariam escrever suas características em um papel e depois compartilhar com os demais.



Essa atividade foi um suporte para o encontro seguinte, que visou discutir questões gênero, história e direitos e deveres das mulheres. É importante destacar que o grupo passava por um momento de reorganização (de retomada de atividades), onde alguns membros saíram e novos estavam em processo de chegada. Devido a esse cenário, a atividade descrita acima contou com a participação apenas de duas cuidadoras, trazendo prejuízos quanto ao objetivo central da atividade de integração, pois não alcançou a todos os membros do grupo.

Desse modo, algumas mudanças foram feitas na atividade e, com isso, percebermos que as cuidadoras se esforçaram para descrever suas características, discutiram a respeito delas, se identificaram uma com a outra e também apontaram pontos de diferenciação. Observou-se que durante o caminhar da dinâmica, uma das novas integrantes do grupo estava mais à vontade, interagindo bastante. Além disso, foi possível discutir a respeito do dia da mulher e ambas as participantes colocaram seus pontos de vista sobre o assunto.

Em outro encontro, foi proposto a intervenção “Presente, passado e futuro”, visando trabalhar o relacionamento inter e intrapessoal e a autorreflexão. Essa atividade foi proposta ao pensarmos sobre a demanda trazida pelo grupo de não saber como sair do lugar onde estão, sem perspectiva em relação ao futuro e acerca dos problemas enfrentados no cotidiano. Desse modo, a atividade consistia em cada membro descrever ou desenhar seus sentimentos e expectativas em cartolinas que representavam cada um dos três tempos. Inicialmente, uma das participantes trazia uma demanda de medo em relação a se posicionar sobre a abertura ou não de um negócio próprio, atribuindo-o sempre a culpa a um outro, por não conseguir; ao fim, chegou à conclusão que esse medo partia dela mesma. Houve um significativo processo de autorresponsabilização e conscientização.

3. Conclusões

Pode-se concluir, com a realização deste trabalho, que as intervenções grupais demandam um grande manejo por parte do mediador do grupo. Questões limitantes, como a frequência dos membros e a dificuldade de permanência deles implicavam que, ao nos programarmos para a realização de uma intervenção, pensássemos em uma outra atividade que pudesse substituí-la, tendo em vista a quantidade dos membros presentes. Alcançadas as realizações das intervenções, apesar de alguns ajustes necessários, foi possível observar que conseguimos obter resultados positivos, visto que, ao trazerem feedbacks, ao final, os membros saíam transformados e reflexivos sobre as suas ações.

De modo geral, o trabalho dos psicólogos, enquanto mediadores do processo grupal, nesse contexto, teve como principal objetivo oferecer um ambiente acolhedor e facilitador, propiciando vínculo e um lugar seguro entre os membros. Por fim, podemos ressaltar que a participação no grupo serviu como grande fonte de aprendizagem, tanto para quem esteve como participante, como para quem esteve mediando. Ter entrado em contato com o campo e, principalmente, ter estado nesse local de mediação foi um grande desafio, mas que nos possibilitou uma abertura de olhar e uma positiva experiência acerca da área, principalmente ao nos depararmos com evoluções e mudanças de comportamento.

Expressamos agradecimentos à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap) pelo apoio financeiro, por meio da concessão de bolsa de pesquisa para uma das autoras, o que possibilitou a participação neste evento. O incentivo à produção científica foi e permanece como essencial para a construção das reflexões e análises aqui mencionadas.

4. Referências

- ALENCAR, Eunice M. L Soriano de. Criatividade e ensino. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 6, n. 1, p. 13-16, 1986.
- BARROS, J. D. A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas S.A, 2006.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais**. Em Tese, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>>. Acesso em: 11 nov. 2017.
- GASKELL, George; BAUER, Martin W. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 4.ed. São Paulo: Vozes, 2005. Tradução: Pedrinho A. Guareschi.
- CORDAZZO, Scheila Tatiana Duarte; VIEIRA, Mauro Luís. A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 7, n. 1, jun. 2007 .
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. Colaboração: WEFORT, F. C. Educação e Política (Reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da Liberdade).
- MONTEIRO, Estela Maria Leite Meirelles; VIEIRA, Neiva Francenely Cunha. Educação em saúde a partir de círculos de cultura. **Rev. bras. enferm.**, Brasília , v. 63, n. 3, p. 397-403, June 2010 .
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. 3.ed. São Paulo: Atlas S.A, 1999.
- ROGERS, Carl R. **Grupos de encontro**. 9.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. Tradução: Joaquim L. Proença.
- ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. Tradução de Manuel José do Carmo Ferreira e Alvarar Lamparelli. 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- SANCHES, Renate Meyer. **Psicanálise e Educação: questões do cotidiano**. São Paulo: Escuta, 2002.
- SCHUTZ, Will. **Profunda Simplicidade: uma nova consciência do eu interior**. 4ª ed. São Paulo: Ágora, 1989.
- SOARES, Sônia Maria; FERRAZ, Aidê Ferreira. Grupos operativos de aprendizagem nos serviços de saúde: sistematização de fundamentos e metodologias. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro , v. 11, n. 1, p. 52-57, Mar. 2007.